



## ACORDO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA ENTRE SEME E UNESCO – PROJETO 914BRZ1006

### CURSO DE ATUALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DO ESPORTE

Texto de referência

Aula: Competição e cooperação

**Organizadoras das obras de referência:**

Sheila Aparecida Pereira dos Santos Silva

Thatiana Aguiar Freire Silva

**Autores:**

Antenor Magno da Silva Neto

Cynthia Cleusa Pasqua Mayer Tibeau

Dante de Rose Junior

Edison de Jesus Manoel

Igor Armbrust

José Anibal de Azevedo Marques

Meico Fugita

São Paulo

2013



## SUMÁRIO

	pág.
1. Conversa inicial .....	2
2. O diálogo possível .....	5
3. Fechando a conversa. Por hora!.....	9
4. Referências bibliográficas .....	10

## 1. Conversa inicial

O sentido esportivo, apresentado nesta proposta, é dotado de valores e significados, vividos, interpretados e atribuídos pelos alunos, podendo variar de pessoa para pessoa. Esse sentido esportivo também tende a modificar-se conforme o tempo e as interações humanas. Não podemos negar que existem diversas interpretações esportivas e intencionalidades presente em **nós**, educadores que mediam as atividades das turmas, como também naqueles que fazem a gestão nos Clubes Escolas e nas seções centrais da SEME. Diante de uma grande variedade de interpretações pessoais, sentimentos resultantes de diversas subjetividades que acabam por descrever o esporte e dar-lhe rumo, propomos, aqui, uma rápida reflexão sobre o fenômeno esportivo na tentativa de relacionar as características competitivas e cooperativas que podem existir durante as aulas, festivais, campeonatos, e outras atividades esportivas.

Sabe-se que o esporte, pode ser visto como uma forma das pessoas buscarem alcançar e demonstrarem alta *performance* física e motora, empregando um elevado grau de competitividade e seletividade de praticantes/atletas, como comporta variações que chegam até a configuração de uma grande brincadeira, que pode estar mais voltada à cooperação das pessoas para praticarem jogos e esportes juntas, simplesmente pelo prazer de fazer ou de jogar. É comum que, para se ajustar aos interesses e características específicas de pessoas e de grupos de pessoas, ocorra adaptação de regras, gestos motores, espaços e materiais.

Quando buscamos estabelecer relações comuns com base nas diferentes interpretações esportivas, a fim de provocar o diálogo sobre a cooperação e a competição é preciso enxergar o aluno como o principal ator nesta manifestação. Cada aluno é um mundo em si mesmo. Cada um tem uma história própria, seus próprios desejos e objetivos pessoais e coletivos que busca atingir por meio da sua frequência às aulas e atividades esportivo-recreativas que ocorrem no Clube Escola. Pensando assim, pode-se dizer que, mesmo que o educador ofereça as mesmas oportunidades e conduza as

mesmas atividades a diferentes pessoas, cada aluno tem o poder de estabelecer o seu mundo próprio, a partir de sua existência corporal no mundo, que, por sua vez, está em constante mudança. O aluno, portanto, esboça, vive, altera, afirma, nega diferentes relações com ou sobre o esporte, e tudo isso constitui um processo no qual se mostra competente para constituir e para mudar sua própria história.

De certo modo, as pessoas, ao praticarem alguma modalidade esportiva experimentam situações competitivas e cooperativas levando-as a pensar e agir diferentemente<sup>1</sup>. Essa diversidade de interpretações e significados cria uma tensão que gera reflexão sobre os caminhos possíveis a este cenário com dinâmicas competitivas e cooperativas, atravessando-se mutuamente, criando caminhos complexos, contraditórios e ambíguos. Em um determinado momento, pessoas podem assumir posições opostas e, no momento seguinte, podem defender interesses e pontos de vista muito próximos, atuando em coalizão<sup>2</sup>. A competição e a cooperação são processos sociais e valores humanos presentes no esporte e na vida. São características que se manifestam no contexto da existência humana e da vida em geral configurados a partir de um entendimento sociocultural, na mediação entre as pessoas, estabelecendo sentidos e significados num contexto específico<sup>1,3,4</sup>.

Durante um bom tempo, as representações culturais atribuídas ao esporte, destacaram a **hipervalorização** competitiva. Somente os mais fortes, mais habilidosos e mais ágeis tinham vez para as disputas. Muitos educadores atribuíram esse valor extremamente competitivo como o melhor para seus alunos, privilegiando um ensino altamente técnico com treinamentos duros e cansativos e conseqüentemente influenciou muitos locais de prática esportiva<sup>2</sup>.

Em contrapartida, surgiu um movimento de crítica a esse modelo esportivo criando propostas e métodos diferenciados para resgatar e ressaltar os valores essenciais da prática esportiva, tais como: divertimento; ética; direito a todos; cooperação e outros mais<sup>5,6</sup>. Tais iniciativas dividiram as opiniões entre os profissionais de Educação Física e, ainda é possível verificar locais de prática esportiva que negam as competições a qualquer custo, outros que

tentam relacionar competição e cooperação e, ainda, aqueles que continuam com a ideia de extrema competição valorizada pela alta performance e para poucos.

Neste sentido, levantamos as seguintes questões:

**É possível competir e cooperar ao mesmo tempo?**

**Quem aprende a competir, aprende ou não aprende a cooperar?**

Por outro lado:

**Quem aprende a cooperar, aprende ou não aprende a competir?**

Em resumo:

**É possível cooperar, sem deixar de competir, no esporte?**

Para pensar sobre isso, vejamos um acontecimento interessante que foi registrado pelo colunista esportivo Flo Johnasen que cobria as Olimpíadas Especiais na cidade de Seattle no ano de 1982.

Alguns anos atrás, nas olimpíadas especiais de Seattle, nove participantes, todos com deficiência mental ou física, alinharam-se para a largada da corrida dos cem metros rasos.

Ao sinal todos partiram, não exatamente em disparada, mas com vontade de dar o melhor de si, terminar a corrida e ganhar.

Enquanto todas corriam, um garoto tropeçou no asfalto, caiu rolando, e começou a chorar. Os outros oito ouviram o choro. Diminuíram o passo e olharam para trás. Então viram o que aconteceu com o colega e voltaram. Todos eles. Uma das meninas, portadora de síndrome de Down, ajoelhou-se, deu um beijo no garoto e lhe disse: “pronto, agora vai sarar”. E todos os nove competidores deram os braços e andaram juntos até a linha de chegada.

O estádio inteiro se levantou e os aplausos duraram muitos minutos. E as pessoas que estavam lá, naquele dia, continuam repetindo essa história até hoje. E por quê? Porque, lá no fundo, nós sabemos que o que importa mesmo não é ganhar sozinho. O que importa nesta vida é ajudar os outros a vencer, mesmo que isso signifique diminuir o passo e mudar o curso.

(Flo Johnasen, Wolf News<sup>1</sup>)

<sup>1</sup> Flo Johnasen – **Um só time**. Texto extraído do site <[www.reencontro-sp.org.br/reflexao\\_time.htm](http://www.reencontro-sp.org.br/reflexao_time.htm)>

Esse texto relata um dos maiores acontecimentos esportivos assistido por milhares de pessoas do mundo. Talvez haja quem pense que isso só foi possível por que pessoas com síndrome de Down não compreendem muito bem o sentido de vitória ou derrota, outros acharão que elas tendem a ser muito afetivas e, por isso, não consideram adequada à competição, outros ainda poderão dizer que isso jamais aconteceria numa competição de verdade, e assim a conversa e as especulações vão longe...

Para não entrar nesta discussão, façamos um combinado! Vamos esquecer, por um momento, os rótulos e classificações impregnados em nós ou que foram postos para nós, aqueles do tipo: ou é isso ou é aquilo; se é cooperação não pode ter competição; se é esporte tem que ter competição, etc...

## 2. O diálogo possível

A palavra **competição** origina-se do latim **competere**<sup>2</sup>, que significa pretender algo simultaneamente com outra pessoa, rivalizar e concorrer, lutar em comum. Também pode ser explicada, como certa concorrência a uma mesma pretensão por parte de duas ou mais pessoas ou grupos<sup>1,2</sup>.

A **cooperação**, por sua vez, tem sua origem **co + operare** (verbo) ou **operatione** (substantivo)<sup>3</sup> cujo significado é atuar, juntamente com os outros, para um mesmo fim. Também pode ser explicada por uma forma de contribuir com trabalho, esforços, auxílio e colaboração por meio de ação conjunta<sup>1,2</sup>.

Se tirássemos nossas conclusões, apressadamente, olhando apenas para a origem dessas palavras o que, muitas vezes, traz transtornos na hora de planejar e organizar e desenvolver aulas de esportes, talvez concordássemos que há entre elas uma relação marcante de oposição. A **cooperação** uniria as pessoas por seus objetivos comuns e a **competição** as afastaria, não por

---

<sup>2</sup> Competere – pesquisa ao dicionário online de etimologia < <http://www.etymonline.com>>

<sup>3</sup> Cooperare ou cooperatione - pesquisa ao dicionário online de etimologia < <http://www.etymonline.com>>

possuírem objetivos opostos, mas pelo fato de apenas um dos competidores ou de equipes de competidores conseguirem orresp-los.

Contudo, não podemos deixar de lado alguns elementos que precisam aparecer para refletir sobre tais conceitos<sup>2</sup>. São eles: a) estrutura social; b) valores sociais; e c) beneficiários.

- **Estrutura social** – Relações complexas e constantes, que se interligam, estabelecidas entre os indivíduos, por meio dos papéis sociais que estes assumem. Serve para compreender como as pessoas se comportam socialmente. Há uma expectativa para o papel social exercido pelo pai, pela mãe, pelo filho, pelo aluno, pelo educador, enfim, por todos aqueles que estão na sociedade, mas os papéis sociais podem mudar ao considerar o protagonismo e autonomia dos atores sociais em cada situação.

- **Valores sociais** – Interesses, objetivos, normas, princípios, padrões e sentimentos comuns a um determinado grupo de pessoas, diferenciando-se de lugar para lugar, num **contexto** específico.

- **Beneficiários** – Em qualquer ação social, pública ou não, o sujeito atribui significado subjetivo e haverá **interesse** por algo.

Se pensarmos no cenário esportivo. Podemos observar que:

Ninguém nasce mais ou menos cooperativo ou competitivo que outro. Vale destacar que é necessário analisar cada **situação**, que acontece num determinado **contexto** e fundamentalmente por algum tipo de **interesse**.

Tríade = contexto, situação e interesse.

Para pensarmos no aluno que frequenta o Clube Escola, vale reforçar a colocação da expressão **interesse** na sua forma literal – **inter (entre) + esse (ser)**<sup>4</sup> - , que significa estar **entre** as pessoas e que, portanto, as **relaciona** e as **interliga**.

Para praticar um determinado esporte, as pessoas dependem umas das outras, mesmo no caso dos esportes individuais. Vejamos o exemplo da corrida: as pessoas que correm, geralmente procuram correr em lugares onde

<sup>4</sup> Inter esse – busca ao dicionário online < <http://www.myetymology.com>>

haja outras pessoas realizando a mesma prática. A corrida vira o assunto que eles gostam de abordar em suas conversas, mesmo que estejam conversando com quem não é corredor. O interesse por uma determinada modalidade esportiva une os praticantes e acaba por gerar grupos informais; torna-se assunto de preferência dessas pessoas; estimula o comércio específico de produtos ligados ao esporte; gera organizações e associações esportivas formais; movimenta segmentos específicos dos jornais, rádio e televisão, ou seja, o esporte é o ponto que gera certa cooperação entre interesses, ainda que as pessoas façam parte de diferentes profissões, classes sociais e residam em pontos diferentes da cidade.

De alguma forma, na condição humana são compartilhadas sensações, desafios, emoções e realizações. Os profissionais responsáveis pela condução das manifestações esportivas oferecidas no Clube Escola devem ter consciência e saberem **contextualizar as situações de interesse** de todos seus frequentadores, independentemente de distinções de gênero, raça, credo, condições sociais, físicas ou motoras. O Clube Escola estrutura-se como um lugar que o cidadão paulistano tem em comum, um ponto de encontro entre crianças e adolescentes, adultos e idosos. Pode ser visto como um espaço privilegiado para valorizar e incentivar à **Cultura de Paz** cujos valores estão relacionados às atitudes, comportamentos, estilos de vida, tolerância, solidariedade e compartilhamento. A Cultura de Paz respeita os direitos individuais pelo princípio do pluralismo<sup>5</sup> e dialoga com a cooperação entre as pessoas<sup>7,8,9</sup>.

Para acontecer a Cultura de Paz no ambiente esportivo devemos ser sempre contra a violência e a exclusão de pessoas nas suas práticas, assim a formulação de princípios esportivos<sup>9</sup>, destacados no quadro abaixo, reforçam a importância dos planejamentos, aulas e convivência no Clube-Escola.

Princípio da inclusão e participação de todos;

<sup>5</sup> Pluralismo - Diz respeito ao conhecimento e à valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem num local, às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade, oferece ao aluno a possibilidade de conhecer um contexto complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal.

Princípio da cooperação;  
Princípio da coeducação;  
Princípio da corresponsabilidade;  
Princípio do desenvolvimento esportivo e do espírito esportivo;  
Princípio do prazer;  
Princípio da superação.

Como escrevemos anteriormente, ninguém nasce completamente definido e acabado. A maior parte do ser humano se constrói durante a vida, na cultura, na convivência com os outros e nos respectivos lugares, como o Clube Escola por exemplo. Isso explicita que as intenções educativas estão abertas. Você, por ter uma relação de empatia com o grupo, pode objetivar ações educativas que provoquem inquietações, desequilíbrios e desafios. Assim, valorizar a participação de todos durante as atividades é um princípio importante, permitir que os alunos construam e adaptem regras para praticar esporte também é fundamental, incentivar e conscientizar sobre a diversidade pode ser outro princípio. As habilidades e os valores aprendidos no esporte podem representar relações, vivências e discussões importantes para o desenvolvimento dos alunos quanto à honestidade, a comunicação, a empatia e a adesão consciente às regras<sup>9,10</sup>.

O Clube Escola, por ser um local onde pessoas se conectam, permite valorizar o esforço, individual ou em grupo, possibilita discutir e experimentar situações como perder, ganhar, administrar a competição, o *fair play*, a responsabilidade, a honestidade, o trabalho em equipe, e a confiança<sup>1,9</sup>. Tudo isso só será possível, se você, educador, valorizar as características individuais de seus alunos e acreditar que pode ser um importante agente de promoção do desenvolvimento deles e da comunidade onde trabalha.

As habilidades e valores aprendidos no esporte podem representar relações com a honestidade, a comunicação, a empatia e a adesão consciente às regras que são representativos e relevantes numa Cultura de Paz<sup>9</sup>.

### 3. Fechando a conversa. Por hora!

Depois desses elementos apresentados, que formam a tríade, **contexto, situação e interesse**, finalmente arriscaremos uma colocação se **é possível cooperar, sem deixar de competir, no esporte**.

Somente a complementaridade<sup>11,12,13</sup> entre cooperação e competição dará sentido a ambas. Uma não existe sem a outra, as pessoas mudam de pensamento a todo o momento. No esporte não é diferente, competimos mais em alguns momentos, cooperamos mais em outros. E ainda, podemos competir ao mesmo tempo que cooperamos.

Competição e cooperação representam valores humanos presentes no esporte e na vida. É possível dizer que em algumas ocasiões haverá uma **competição-cooperativa** e noutras, uma **cooperação-competitiva**, portanto, saber equilibrar o grau de competição e cooperação no esporte é fundamental<sup>1,2</sup>.

Destaquemos alguns pontos que merecem atenção:

**Primeiro** – a competição pode ser considerada necessária para a existência de um esporte. Em contrapartida, a cooperação também o é.

**Segundo** – cooperação e competição mantêm estreita convivência e relação no contexto esportivo.

**Terceiro** – em um contexto de relações horizontais de poder, os esportistas criam mecanismos para ajustar a competição para conviver.

**Quarto** – os esportistas não estão apenas competindo entre si, precisam do outro para haver tal manifestação, o que pode imprimir certas lógicas e valores de convivência.

Sendo assim, explicitamos abaixo um quadro-síntese de valores que podem ser explorados durante as orientações dadas aos alunos para promover o diálogo entre cooperar e competir no ambiente esportivo<sup>1</sup>.

- Responsabilizar-se por si mesmo e pelo bem estar dos outros.
- Respeitar e recriar coletivamente as regras.
- Descobrir e valorizar diferentes formas de praticar esporte.
- Aprender' **com** o perder e **com** o ganhar.

- Discutir os conflitos e superar dificuldades.
- Melhorar as habilidades envolvidas na prática esportiva.
- Realizar diferentes movimentos, jogos e sequências.
- Tomar consciência de si mesmo, controlar o temperamento.
- Melhorar os relacionamentos interpessoais.

Ganhar, perder, ter sucesso, fracassar, sentir ansiedade, ser rejeitado, ser aceito, jogar limpo, fazer amizades, desenvolver a cooperação e a competição sadia, conscientizar-se de seus sentimentos, solucionar problemas de forma criativa... O conjunto desses valores resultará na **essência** de um ambiente esportivo harmonioso cuja beleza, divertimento e espírito de grupo favorecerão o desenvolvimento humano, pois as pessoas que frequentam os espaços esportivos são mais importantes que o próprio esporte.

#### 4. Referências bibliográficas

- (1) BROTTTO, F. **O jogo e o esporte como um exercício de convivência**. Campinas-SP Dissertação de Mestrado, 1999.
- (2) SATO, Leny et al. As tramas psicossociais da cooperação e da competição em diferentes contextos de trabalho. **Arquivos brasileiros de psicologia**. v.63, p. 2-14, 2011. Disponível. <<http://pepsic.bvsalud.org>> Acesso em dez. 2012.
- (3) FRANCO, G. S. Psicologia do esporte e cooperação: um jogo infinito. IN: RUBIO, K. (Org.). **Psicologia do esporte: teoria e prática**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2003. P. 113-138.
- (4) MATURANA, H., VARELA, F. **El árbol del conocimiento**. 3ª ed. Santiago, Chile: Editorial Universitaria, 1987.
- (5) DAOLIO, J. **Educação física brasileira: autores e atores da década de 1980**. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- (6) DAOLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas, SP. (Coleção polêmicas do nosso tempo): Autores Associados, 2004.

- (7) Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). **Cultura de Paz: da reflexão a ação** - Balanço da década internacional da promoção da Cultura de Paz e não violência em benefício das crianças do mundo. São Paulo: Associação Palas Athena, 2010.
- (8) Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). **Manifesto 2000: Cultura de Paz**. Disponível. <<http://www.dhnet.org.br/direitos/bibpaz/textos/m2000.htm>> Acesso em dez. 2012.
- (9) TUBINO, M. J. G.; SILVA, K. M. **O esporte e a Cultura de Paz**. Rio de Janeiro: Shape, 2006.
- (10) TUBINO, M. J. G. **Dimensões Sociais do Esporte**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- (11) MORIN, E. **O conhecimento do conhecimento**. 4ª ed. Porto Alegre, RS: Sulina, 2008.
- (12) MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 3ª ed. Porto Alegre, RS: Sulina, 2007.
- (13) MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.